

ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 31/03/2025

Aceito em: 23/08/2025

Publicado em: 22/10/2025

Diversidade e Ensino de Línguas: Reflexões Teóricas e Práticas para uma Educação Inclusiva

Diversity and Language Teaching: Theoretical and Practical Reflections for Inclusive Education

Diversidad y Enseñanza de Lenguas: Reflexiones Teóricas y Prácticas para una Educación Inclusiva

Marceli Aquino¹



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe19420>

Resumo: Este artigo discute a importância da diversidade e da criticidade no ensino de línguas estrangeiras, com ênfase na formação docente e na análise de materiais didáticos. Ancorado na Linguística Aplicada Crítica, na Pedagogia Crítica e em perspectivas decoloniais, o estudo apresenta o relato de uma oficina realizada com docentes da USP e da Universidade de Augsburg, na qual foram debatidos os desafios e as possibilidades de tornar o ensino de línguas mais representativo, inclusivo e sensível às realidades locais. A oficina abordou temas como representações familiares e de gênero nos livros didáticos, linguagem inclusiva, e o tratamento de conteúdos tradicionalmente evitados (como política, religião e identidade sexual). A partir dessa experiência, são propostas estratégias pedagógicas voltadas para a análise crítica de materiais, uso de mídias diversificadas e construção de práticas de escuta ativa, capazes de acolher diferentes identidades. Conclui-se que um ensino de línguas socialmente engajado deve valorizar as vozes plurais de aprendizes e docentes, promovendo um espaço de aprendizagem mais transformador.

Palavras-chave: Ensino de línguas. Diversidade. Formação docente. Linguística Aplicada Crítica. Materiais didáticos..

¹Docente em Língua e Literatura Alemã na Universidade de São Paulo (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0518-7639>. Contato: marceli.c.caquino@usp.br.



Abstract: This article discusses the importance of diversity and criticality in foreign language teaching, emphasizing teacher training and the analysis of teaching materials. Anchored in Critical Applied Linguistics, Critical Pedagogy, and decolonial perspectives, the study presents the account of a workshop held with teachers from USP (University of São Paulo) and the University of Augsburg, where the challenges and possibilities of making language teaching more representative, inclusive, and sensitive to local realities were debated. The workshop addressed topics such as family and gender representations in textbooks, inclusive language, and the treatment of traditionally avoided content (such as politics, religion, and sexual identity). Based on this experience, pedagogical strategies aimed at the critical analysis of materials, the use of diverse media, and the construction of active listening practices, capable of embracing different identities, are proposed. It is concluded that a socially engaged language teaching should value the plural voices of learners and educators, promoting a more transformative learning space.

Keywords: Language teaching. Diversity. Teacher education. Critical Applied Linguistics. Teaching materials

Resumen: Este artículo discute la importancia de la diversidad y la criticidad en la enseñanza de lenguas extranjeras, con énfasis en la formación docente y el análisis de materiales didácticos. Anclado en la Lingüística Crítica Aplicada, la Pedagogía Crítica y las perspectivas decoloniales, el estudio presenta el relato de un taller realizado con profesores de la USP y de la Universidad de Augsburg, en el que se discutieron los desafíos y posibilidades de hacer que la enseñanza de lenguas sea más representativa, inclusiva y sensible a las realidades locales. El taller abordó temas como las representaciones familiares y de género en los libros de texto, el lenguaje inclusivo y el tratamiento de contenidos tradicionalmente evitados (como la política, la religión y la identidad sexual). A partir de esta experiencia, se proponen estrategias pedagógicas orientadas al análisis crítico de materiales, el uso de medios diversificados y la construcción de prácticas de escucha activa, capaces de acoger diferentes identidades. Se concluye que una enseñanza de lenguas socialmente comprometida debe valorar las voces plurales de aprendices y docentes, promoviendo un espacio de aprendizaje más transformador.

Palabras clave: Enseñanza de lenguas. Diversidad. Formación docente. Lingüística Aplicada Crítica. materiales didácticos.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de idiomas é um processo social e político que vai além do aprendizado do conhecimento linguístico e comunicativo. Mais do que a simples aquisição de estruturas gramaticais e vocabulário, o ensino de um idioma adicional (LA) envolve a construção de identidades, a interação entre culturas e a negociação de significados em contextos sociais específicos. Assim, a maneira como um idioma é ensinado pode reproduzir ou desafiar as relações de poder, influenciando a maneira como os alunos se percebem no mundo (Monte Mór, 2013). Nesse sentido, uma abordagem crítica do LA – que identifique e questione as categorias de poder e conhecimento – é essencial para promover a valorização da diversidade linguística, cultural e de identidade, bem como para desafiar os discursos normativos e eurocêntricos que historicamente moldaram os materiais de ensino e as práticas pedagógicas.

A Pedagogia Crítica de Paulo Freire (1997) contribui significativamente para essa perspectiva ao enfatizar que o ensino não deve ser uma prática “bancária”, em que o



conhecimento é depositado nos alunos de forma passiva, mas sim um processo dialógico que promove a conscientização e a transformação social. No ensino de idiomas, essa abordagem implica questionar como e de quem são as identidades representadas nos materiais e textos, quais culturas são valorizadas e quais discursos são silenciados. O pensamento freireano, ao propor a educação como um ato de liberdade e resistência, alinha-se com o que Pennycook (2001) define como Linguística Aplicada Crítica, um campo que busca entender a linguagem como parte dos processos sociais e políticos, desafiando as visões tecnicistas do ensino de idiomas. De acordo com Pennycook (2001), o ensino de idiomas deve ser entendido como uma prática situada, permeada por relações de poder e desigualdades, que devem ser continuamente analisadas e problematizadas. Em ambas as abordagens, além de questionar criticamente as relações de poder, é necessário, por meio do diálogo constante, buscar alternativas práticas para alcançar o empoderamento e o senso de pertencimento nas práticas pedagógicas e sociais.

A diversidade no ensino de LA deve ser vista de uma perspectiva ampla, considerando aspectos linguísticos, culturais, étnico-raciais, de gênero e de classe social (Gerlach, Lüche, 2024). No entanto, muitas abordagens tradicionais ignoram essas variáveis, perpetuando uma visão homogênea do idioma e de seus falantes. Candau (2020) destaca que a sala de aula pode ser vista tanto como um espaço de inclusão e pertencimento quanto como um ambiente que reforça as exclusões e desigualdades. Nos ambientes de ensino e aprendizagem do LA, essa dualidade se manifesta na forma como certos dialetos, variedades e culturas são ignorados ou marginalizados. Rajagopalan (2006) argumenta que a imposição de uma única norma linguística – muitas vezes baseada em variedades de prestígio – contribui para a exclusão de grupos que não compartilham essas normas, reforçando a hierarquia das formas de fala e dos sujeitos sociais.

Diante desse cenário, o ensino de LA, especialmente no contexto da formação de professores, desempenha um papel crucial na construção de práticas de ensino mais inclusivas e críticas. Nesse sentido, Gerlach e Lücke (2024) enfatizam que os professores de idiomas não devem apenas transmitir regras gramaticais e conhecimentos isolados, mas também atuar como mediadores e facilitadores da reflexão e do diálogo que desafiam as práticas pedagógicas existentes. De acordo com os autores, a formação de professores deve incluir discussões sobre representação, diversidade e o papel da



linguagem na construção de identidades sociais. Entretanto, os professores em formação geralmente não recebem uma estrutura teórica e prática adequada para tratar dessas questões, o que pode resultar na reprodução de abordagens normativas e excludentes.

Além da formação de professores, um dos principais desafios para a implementação de uma abordagem crítica e inclusiva no ensino de idiomas é a predominância de materiais didáticos que reforçam padrões eurocêntricos e excludentes. Estudos como os de Ferreira e Aquino (2024) analisam como os livros didáticos de alemão LA das principais editoras alemãs apresentam uma visão restrita da língua e da cultura, privilegiando narrativas brancas, heteronormativas e ocidentalizadas. Esse tipo de material desconsidera a pluralidade de falantes da língua-alvo e limita a capacidade dos alunos de se identificarem com o conteúdo. Projetos locais, como o *Zeitgeist* brasileiro, oferecem uma abordagem decolonial ao oferecer alternativas que rompem com essa lógica, propondo materiais didáticos que refletem as realidades locais e incentivam um ensino de idiomas mais crítico e inclusivo (Aquino, Ferreira, 2023).

Outra estratégia para promover a diversidade e a criticidade no ensino de idiomas é o uso de diferentes mídias no processo de ensino-aprendizagem. Gerlach e Lücke (2024) argumentam que mídias como filmes, músicas, publicações em mídias sociais e textos multimodais são ferramentas valiosas para ampliar as perspectivas culturais dos alunos e permitir que diferentes discursos sejam analisados e questionados. O uso de diversas mídias permite a discussão de tópicos sensíveis e promove um ensino mais conectado às experiências e identidades dos alunos (Paiva, 2013; Aquino, Oliveira, 2023). Assim, a incorporação de materiais diversos e autênticos (não adaptados para o ensino de LA) no ensino de idiomas pode contribuir para uma experiência de aprendizagem mais dinâmica, plural e significativa, ao mesmo tempo em que desafia os discursos hegemônicos presentes nos livros didáticos tradicionais.

Com base nessas reflexões, este artigo tem como objetivo discutir a importância do pensamento crítico na formação de professores, enfatizando a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e problematizem os discursos normativos em LA. Para tanto, apresenta o relato de um *workshop* realizado no âmbito do projeto Fapesp/Baylat, envolvendo educadores da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Augsburg (UA). O *workshop* levantou questões sobre as possibilidades e os desafios da incorporação de representações mais diversificadas nas salas de aula de LA. Também abordou o papel da seleção de materiais didáticos nessas discussões e



propôs caminhos colaborativos para a construção de uma abordagem mais inclusiva, reflexiva e acolhedora para o ensino de idiomas.

Com base nessa experiência formativa, que combinou discussões teóricas e práticas, são discutidas estratégias pedagógicas concretas – como o uso de diferentes tipos de mídia, uma abordagem crítica de tópicos tabus e o incentivo à escuta ativa – que contribuem para uma prática de ensino dialógica e transformadora. A metodologia adotada integra fundamentos teóricos com análise prática, estabelecendo conexões entre as estruturas da Linguística Aplicada Crítica, da Pedagogia Crítica e da Decolonialidade com o contexto de treinamento do *workshop*. Na próxima seção, apresentamos uma discussão sobre abordagens críticas e voltadas para a diversidade no ensino de idiomas, seguida de uma introdução à estrutura e aos resultados do *workshop*, bem como sugestões para trabalhar com a diversidade no ensino de LA.

2 DIVERSIDADE E ENSINO DE IDIOMAS

A relação entre idioma, diversidade e ensino de idiomas tem sido amplamente debatida na Linguística Aplicada Crítica (Pennycook, 2001), que propõe uma abordagem educacional que vai além da mera transmissão de estruturas gramaticais e lexicais, enfatizando as implicações sociais, políticas e culturais desse processo. A abordagem crítica do ensino de idiomas está profundamente enraizada nas teorias pós-estruturalistas e socioculturais que desafiam a visão tradicional do idioma como um código fixo e homogêneo. De acordo com Pennycook (2001), o idioma deve ser entendido como um fenômeno social e político, intrinsecamente ligado à dinâmica de poder e à identidade. Nesse sentido, a diversidade linguística não deve ser vista apenas como algo a ser tolerado, mas como um fator central na prática pedagógica. O ensino de idiomas, longe de ser neutro, serve, portanto, como um espaço para a reprodução ou a contestação de ideologias e desigualdades estruturais, impactando diretamente a construção da identidade dos alunos.

Essa concepção está de acordo com o pensamento de Paulo Freire (1997), que defende a educação como um meio de transformação social, em que o aprendizado deve promover a *conscientização* crítica, permitindo que os alunos analisem e intervenham em seus contextos socioculturais. Para Freire, o ensino não deve ser um ato mecânico de



transferência de conteúdo, mas um processo de diálogo e transformação contínuos, em que alunos e professores constroem conhecimento de forma colaborativa, problematizando suas realidades. Portanto, ao promover uma perspectiva crítica, os professores podem incentivar a reflexão sobre como a linguagem opera na construção de identidades e desigualdades sociais. A diversidade no ensino de idiomas deve ser entendida em suas múltiplas dimensões, incluindo variações linguísticas, representações étnico-raciais, gênero, classe social e identidade cultural.

De acordo com Candau (2011), uma abordagem educacional crítica deve reconhecer e valorizar as diferentes formas de pertencimento e identidade, combatendo os processos de homogeneização que historicamente excluíram as diversas experiências socioculturais. No ensino de línguas, essa homogeneização ocorre quando há um foco exclusivo nas variedades linguísticas hegemônicas e nas perspectivas culturais dominantes, negligenciando a pluralidade do uso da língua e as experiências de seus falantes. A esse respeito, Rajagopalan (2006) argumenta que a imposição de uma única norma linguística reflete uma perspectiva reducionista que ignora variações fundamentais para a construção da identidade. Assim, tratar uma variedade como “padrão” e outras como “desvios” cria um ambiente de exclusão em que certas formas de expressão são desvalorizadas e marginalizadas. Em contextos de aprendizado de idiomas, essa perspectiva também resulta em uma busca interminável e frustrante pelo conhecimento ideal da estrutura e da pronúncia do idioma-alvo, o que pode levar a sentimentos de exclusão e desmotivação.

O conceito de *translinguagem* (García, Wei, 2014) também contribui para essa discussão, pois enfatiza a importância de permitir que os alunos usem seus idiomas de forma dinâmica e integrativa, em vez de restringi-los a um padrão monolíngue artificial. Esse entendimento desafia a noção de proficiência como uma meta fixa e homogênea, promovendo uma abordagem mais inclusiva e pluralista para o ensino de idiomas.

No entanto, a formação de professores de LA ainda não aborda adequadamente essas questões, o que pode levar à reprodução de práticas excludentes. Gerlach e Lücke (2024) argumentam que os professores de idiomas devem ser muito mais do que meros transmissores de conhecimento; eles devem representar a transformação social. Nesse sentido, a reflexão do professor é essencial para promover um ensino que valorize a pluralidade e questione as desigualdades, pois deixar de examinar criticamente os materiais didáticos pode perpetuar não apenas visões de mundo limitadas, mas também



um ambiente de aprendizado excludente. A prática pedagógica crítica envolve o reconhecimento de que os alunos não devem ser vistos como receptores passivos de informações, mas como agentes ativos que trazem suas experiências para a sala de aula. Assim, o ensino deve promover o aprendizado dialógico e contextualizado, permitindo que os alunos – e futuros professores – relacionem o conteúdo com suas realidades e experiências.

Outra abordagem que pode contribuir para o desenvolvimento de práticas críticas que promovam mudanças significativas em diferentes esferas sociais é o conceito de decolonialidade. O pensamento decolonial defende o rompimento com as estruturas de poder colonial que moldam fortemente as sociedades. De acordo com Mignolo (2017), a colonialidade do poder é a principal ferramenta para subjugar os povos e legitimar a subalternização do conhecimento. Essa perspectiva destaca o emaranhado entre o poder colonial e o conhecimento, estendendo-se, assim, à esfera da educação. Para Candau (2011), é essencial enfatizar a necessidade de desnaturalizar os processos de colonialidade para desenvolver uma educação linguística mais crítica. No ensino do alemão como LA, essa perspectiva se aplica aos projetos de formação de professores e à recepção e criação de materiais didáticos.

Um dos maiores desafios na implementação de uma abordagem crítica e decolonial no ensino de idiomas é a predominância de materiais didáticos que reforçam padrões eurocêntricos e socialmente homogêneos. Os livros didáticos de alemão global frequentemente apresentam uma visão limitada e homogeneizadora da cultura e da identidade, negligenciando os aspectos pluricêntricos e socioculturais do idioma, bem como as demandas locais (Aquino, Ferreira, 2022; Uphoff, Arantes, 2023). Ferreira e Aquino (2024) identificaram que muitos desses materiais tornam invisíveis diversos grupos sociais, reforçando representações predominantemente brancas, heteronormativas e clichês eurocêntricos. Esse viés restringe a capacidade dos alunos de se identificarem com o conteúdo e reforça ideais culturais que podem excluir suas realidades.

Para abordar essa questão, o projeto *Zeitgeist* foi desenvolvido para criar materiais didáticos para o ensino da língua alemã em contextos acadêmicos brasileiros a partir de uma perspectiva decolonial, promovendo conteúdos mais alinhados com as demandas e representações locais. Ao priorizar temas socialmente relevantes e representar diversas identidades, o projeto busca desafiar a normatividade imposta pelos materiais tradicionais



e incentivar o aprendizado crítico e reflexivo. Na próxima seção, apresentaremos um exemplo contextualizado do trabalho desse projeto.

Além de analisar livros didáticos, uma das estratégias mais eficazes para ampliar as perspectivas culturais e linguísticas no ensino de idiomas é o uso de diversos tipos de mídia. Gerlach e Lücke (2024) argumentam que filmes, músicas, publicações em mídias sociais e textos multimodais podem ser ferramentas poderosas para estimular discussões sobre diversidade e inclusão. O uso desses materiais autênticos permite que os alunos se envolvam com diversas variedades linguísticas e culturais, proporcionando uma experiência de aprendizado mais dinâmica e relevante para diversos interesses e experiências. Além disso, a mídia contemporânea oferece um espaço seguro para a discussão de tópicos sensíveis, como desigualdade racial, diversidade de gênero e direitos humanos, promovendo uma consciência mais crítica dos discursos que circulam na sociedade. Assim, a incorporação de diversas mídias no ensino de LA não apenas desafia as representações estereotipadas, mas também aumenta a participação dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo.

Portanto, o ensino inclusivo de idiomas exige um compromisso contínuo com a diversidade por meio de abordagens e materiais que incentivem a análise crítica dos discursos que moldam as interações dentro e fora da sala de aula. O aprendizado de LA não se limita à aquisição de estruturas formais; ao contrário, ele se torna um meio de entender, questionar e transformar as relações sociais e culturais que moldam o mundo contemporâneo. Na próxima seção, apresentamos uma discussão sobre esse tópico com base em um *workshop* realizado na USP com educadores do Brasil e da Alemanha, cujas discussões resultaram em reflexões sobre as possibilidades e os desafios de promover uma maior inclusão da diversidade no ensino de idiomas.

3 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO WORKSHOP

O *workshop* “Educação e Diversidade: Práticas Críticas e Inclusivas no Ensino de Idiomas” foi realizado durante o evento *Diversidade, Multilinguismo e Contato: Perspectivas Linguísticas, Socioculturais e Didáticas*, organizado pelo projeto Fapesp/Baylat de 24 a 28 de março de 2025. A atividade contou com a participação de sete docentes da USP e da UA. Foi conduzida de forma trilingue (português, alemão e inglês), adaptando-se ao tema e ao referencial teórico em discussão. O objetivo central foi



promover uma reflexão crítica colaborativa sobre a inclusão - ou exclusão - da diversidade em vários contextos de ensino de línguas, com base nas perspectivas teóricas da Pedagogia Crítica (Freire, 1997), da Linguística Aplicada Crítica (Pennycook, 2001), da Decolonialidade (Mignolo, 2011) e da Diversidade no Ensino de Línguas, particularmente em relação à língua alemã (Gerlach & Lücke, 2024). Nesse contexto, a diversidade abrange a inclusão de várias identidades, perspectivas e experiências, como:

- Diversidade linguística, incluindo plurilinguismo e variedades linguísticas;
- Diversidade de gênero e orientação sexual;
- Diversidade cultural, incluindo crenças, experiências e valores;
- Diversidade étnico-racial;
- Diversidade socioeconômica;
- Diversidade de necessidades especiais, como TDAH, dislexia e autismo.

Com base nessa fundamentação, as discussões se concentraram no impacto das escolhas temáticas e dos materiais didáticos sobre o processo de ensino-aprendizagem, abordando especialmente as lacunas recorrentes no trabalho inclusivo encontradas nos livros didáticos tradicionais, como:

- Um foco eurocêntrico e padronizado no idioma, enfatizando a pronúncia perfeita e a gramática semelhante à dos falantes nativos;
- Representações limitadas de papéis femininos e identidades LGBTQIA+, não apenas em relação à sua presença, mas também nos papéis atribuídos a elas na sociedade;
- Pouca ou nenhuma diversidade étnico-racial, em que a diversidade geralmente está presente apenas como um elemento de fundo e não como personagens bem desenvolvidos;
- Homogeneização dos contextos políticos, sociais e econômicos, em que a cultura é frequentemente vinculada a territórios nacionais.

Durante o *workshop*, foram analisados dois livros didáticos amplamente utilizados para o ensino do alemão como idioma adicional, especialmente em contextos acadêmicos: *DaF kompakt neu* (Braun *et al.*, 2016) e *Akademie Deutsch* (Schmoll *et al.*,



2022). A análise destacou a representação das cidades alemãs a partir de uma perspectiva turística (como o Carnaval em Colônia ou a Oktoberfest em Munique) e imagens de famílias compostas por casais brancos, heterossexuais e de classe média. Essa representação limitada reforça estereótipos e contribui para o distanciamento do aluno em relação ao material, especialmente no contexto brasileiro, conforme discutido por Ferreira e Aquino (2024). As imagens a seguir contextualizam essa discussão:

Imagem 1: Representação de cidades e famílias.



Fonte: Braun *et al.* (2016); Schmohl *et al.* (2022).

Em contrapartida, foi apresentado um exemplo de material desenvolvido localmente a partir do livro didático *Zeitgeist*. Esse livro, atualmente em desenvolvimento, adota uma abordagem crítica e decolonial para o ensino de alemão em ambientes acadêmicos brasileiros. A atividade usada para estimular a discussão foi um texto escrito por uma aluna da UFRJ, abordando a diversidade familiar com base em sua experiência pessoal (Imagem 2). O material tem como objetivo ampliar as possibilidades de representação da identidade, promovendo maior engajamento e identificação entre os alunos brasileiros por meio da incorporação de vozes locais. O projeto *Zeitgeist* busca romper com os padrões normativos presentes nos livros didáticos internacionais ao incluir vozes e biografias locais, promovendo maior engajamento e identificação entre os alunos brasileiros.

Imagem 2: Exemplo do projeto *Zeitgeist*.

TEIL B **Familie und Haushalt**
Família e trabalho doméstico

6 Janaina erzählt über ihre Familie. Lesen Sie ihren Bericht. Was glauben Sie, wer sind die Personen auf dem Foto?
Janaina conta sobre a sua família. Leia o relato. Quem você acha que são as pessoas da foto?



Hallo! Mein Name ist Janaina und ich bin in Sorocaba geboren. Meine Familie ist klein und lebt auch dort, aber nicht alle wohnen zusammen. Meine jüngere Schwester Amanda und ich leben bei meiner Mutter. Meine Mutter und mein Vater sind geschieden. Ich habe auch eine ältere Schwester, Bruna. Sie ist verheiratet und lebt mit ihrem Ehemann Thiago zusammen. Er hat einen Zwillingbruder, Danilo. Danilo ist mein Verlobter. Ein bisschen verwirrend, oder?

7 Janaina sagt, ihre Familie ist klein. Und wie ist Ihre Familie? Klein oder groß? Erzählen Sie auch ein bisschen über Ihre Familie. Die Adjektive im Kasten helfen.
Janaina diz que sua família é pequena. E como é a sua família? Pequena ou grande? Conte um pouco sobre sua família. Os adjetivos na caixa ajudarão:

lustig | sympathisch | ernst | problematisch | ruhig | laut | begeistert | interessant

Fonte: *Zeitgeist* (no prelo).

Para provocar a reflexão e a discussão sobre a diversidade nos materiais didáticos e instrucionais, o facilitador do *workshop* fez várias perguntas durante a sessão, tais como: “Como a diversidade aparece em seu contexto?” e “De que forma a diversidade (ou sua ausência) se manifesta nas escolhas didáticas?” As respostas dos participantes revelaram preocupações comuns:

- Na USP, a diversidade socioeconômica dos alunos foi destacada, juntamente com a crescente demanda por estratégias que considerem a neurodiversidade;
- No contexto alemão, a discussão se concentrou na importância da formação crítica dos professores em relação à diversidade cultural e linguística trazida pelas famílias de migrantes, embora o currículo escolar rígido represente desafios para a adaptação;
- Em ambos os cenários, foi enfatizada a importância de criar espaço para discussões de gênero, acolhendo os alunos com empatia por meio de práticas como o uso de pronomes e nomes preferidos, bem como a aplicação de questionários de diagnóstico no início do semestre. Isso permite que os alunos apresentem com segurança suas preferências, necessidades especiais, sugestões e dificuldades aos instrutores;

- Também foi discutido que os materiais de treinamento de professores geralmente transferem para os professores a responsabilidade de abordar as lacunas dos livros didáticos. Entretanto, essa tarefa é complexa e depende tanto do treinamento profissional quanto das condições institucionais. Embora seja fundamental aprender a trabalhar com lacunas e potencialmente desenvolver materiais originais, a formação de professores deve incluir estratégias para questionar criticamente e adaptar materiais, juntamente com apoio de colegas e diretrizes curriculares;
- Um ponto de consenso foi que o trabalho de diversidade deve se basear menos em prescrições de certo e errado e mais na abertura ao diálogo e na escuta ativa.

Outro tópico importante debatido foi o acrônimo PARSNIP (*Politics, Alcohol, Religion, Sex, Narcotics, Isms, Pork*), que representa assuntos comumente censurados por editoras educacionais para evitar controvérsias e garantir a comercialização global. No entanto, críticos como Thornbury (2013) argumentam que evitar esses tópicos pode levar a um ensino de idiomas descontextualizado e superficial, pois o idioma não existe isolado da realidade social. Foram apresentadas reflexões sobre os desafios e as possibilidades de abordar política, álcool, religião e sexo:

- Política: um tópico altamente divisório, mas essencial para promover a cidadania e a análise crítica do discurso. As possíveis abordagens incluem discussões sobre imigração e charges ou histórias em quadrinhos políticas;
- Álcool: sensível em algumas culturas e religiões; pode ser abordado no contexto de saúde e estilo de vida. As atividades sugeridas incluem a análise de propagandas de bebidas alcoólicas (como anúncios de cerveja) em diferentes países a partir de uma perspectiva de translinguagem e cultural;
- Religião: um tópico social e culturalmente significativo; pode ser explorado por meio de tradições, celebrações e valores compartilhados. Pode ser interessante abordar o tópico por meio da história das religiões;
- Sexo: um tópico que pode causar desconforto; deve ser abordado com cuidado, concentrando-se em relacionamentos, identidade pessoal e estruturas familiares. Como outros tópicos, pode ser explorado por meio de aspectos linguísticos, como



a descrição de emoções, sentimentos e identidades. A mídia social pode servir como uma ferramenta poderosa para discutir esse assunto.

A discussão enfatizou que esses tópicos tabus não devem ser obrigatórios, mas também não devem ser sistematicamente evitados. Quando abordados, eles devem se alinhar aos interesses e à disposição dos alunos, oferecendo espaço para colaboração escuta e reflexão. O objetivo é entender as necessidades e os limites dos alunos e, ao mesmo tempo, promover uma perspectiva crítica e inclusiva. Assim, o ensino crítico com a abordagem PARSNIP pode possibilitar estratégias didáticas que incluam esses tópicos de forma responsável, alinhando-se às necessidades e aos interesses dos alunos.

Por fim, o *workshop* revisitou as contribuições da pedagogia crítica de Paulo Freire para a formação de professores: a importância de questionar normas, a possibilidade de transformação e a valorização de múltiplas vozes e experiências na sala de aula. Trabalhar com diferentes idiomas, tópicos e biografias desafia a busca de um conhecimento linguístico e cultural ideal, mudando o foco do ensino de idiomas para um processo formativo que envolve identidades, emoções e consciência política. Nesse sentido, a sala de aula se torna um espaço para discutir encruzilhadas, interpretar e aprender com os outros para construir caminhos coletivos e multifacetados em direção a um ensino e aprendizado de idiomas mais humano e representativo.

A análise apresentada nesta seção destaca a tensão entre a necessidade de neutralidade nos materiais didáticos e a urgência de um ensino de idiomas mais crítico e contextualizado. A discussão sobre o PARSNIP ilustra como a exclusão sistemática de determinados tópicos pode prejudicar a formação de alunos mais engajados. Assim, ao revisitar os princípios da diversidade linguística e a abordagem crítica apresentada anteriormente, é essencial que professores e alunos questionem ativamente as implicações da censura temática no ensino de idiomas. Uma perspectiva mais inclusiva e reflexiva permitiria que os alunos desenvolvessem uma compreensão mais ampla do papel do idioma na sociedade, promovendo a formação de indivíduos críticos e socialmente engajados.

4 ESTRATÉGIAS PARA PROMOVER A REFLEXÃO CRÍTICA NO ENSINO DE IDIOMAS

A adoção de uma perspectiva crítica no ensino de idiomas exige que tanto os professores quanto os alunos entendam o idioma como um fenômeno social e ideológico.



A Linguística Aplicada Crítica (Pennycook, 2001) e a Pedagogia Crítica (Freire, 1997) apontam para a necessidade de questionar os discursos veiculados nos materiais didáticos, bem como de refletir sobre quem é representado (ou silenciado) nas narrativas pedagógicas. No contexto brasileiro, Candau (2020) reforça a urgência de incorporar a diversidade como um princípio fundamental das práticas educacionais.

Muitos livros didáticos de alemão como língua adicional seguem modelos eurocêntricos, promovendo visões normativas sobre cultura, família e relações de gênero. Com relação à família, a maioria dos livros didáticos apresenta o tópico a partir de uma perspectiva tradicional, heteronormativa e nuclear. Essa visão ignora as configurações familiares, como famílias do mesmo sexo, monoparentais ou multigeracionais. Além disso, a própria compreensão do que constitui uma família pode variar. Atividades mais inclusivas poderiam envolver discussões ou apresentações dos alunos sobre o que eles consideram ser sua família e quem a compõe. Esses resultados poderiam então ser comparados com as representações dos livros didáticos, estimulando a reflexão sobre a presença ou ausência de determinadas configurações familiares.

Outro ponto crítico é o uso exclusivo de normas linguísticas binárias (masculino/feminino), em contraste com o movimento crescente em direção a formas neutras e inclusivas, como *Studierende* (em vez de *Studenten*) e o uso de *Gendersternchen* (por exemplo, *Lehrerinnen*). Uma atividade relevante poderia envolver a pesquisa de guias de idiomas inclusivos (como os da Freie Universität Berlin) e debates na mídia na Alemanha sobre o uso de linguagem neutra em termos de gênero, incentivando a reflexão sobre o impacto do binarismo de gênero no ensino de idiomas. Por meio do uso de vários idiomas (translinguagem), com os quais os alunos se sentem mais confortáveis, é possível promover um debate sobre a adoção de uma linguagem inclusiva, com base em leituras prévias de artigos e textos de notícias, bem como postagens em mídias sociais e vídeos.

Em geral, o trabalho com materiais e textos autênticos – como músicas, vídeos, podcasts e publicações em mídias sociais – é incentivado, pois pode ampliar o repertório linguístico e cultural dos alunos e permitir a discussão de questões contemporâneas a partir de múltiplas perspectivas. Os alunos também podem ser convidados (e orientados) a produzir textos e materiais originais com base em seus próprios interesses e realidades. As práticas de ensino também podem ser redefinidas por meio de estratégias simples, como perguntar os nomes e pronomes preferidos dos alunos, envolvê-los nas decisões de



instrução ou realizar discussões em vários idiomas (não apenas no idioma de destino). Essencial para esse processo é a inclusão de ações que demonstrem empatia, fortaleçam os vínculos e ajudem a criar um ambiente de sala de aula mais democrático e inclusivo.

5 CONCLUSÃO

O ensino de línguas estrangeiras, quando analisado pelas lentes da Linguística Aplicada Crítica (Pennycook, 2001) e da Pedagogia Crítica (Freire, 1997), surge como um espaço fundamental para questionar discursos normativos e valorizar a diversidade linguística, cultural e identitária. Este artigo teve como objetivo discutir a importância do pensamento crítico na formação de professores e propor estratégias concretas para promover essa abordagem no ensino de idiomas, com base em reflexões teóricas e experiências práticas. O estudo demonstrou que, apesar da reconhecida relevância da diversidade na educação, muitos materiais didáticos ainda reforçam perspectivas homogêneas, eurocêntricas e excludentes, limitando as possibilidades de identificação e envolvimento dos alunos.

O *workshop* realizado com educadores de idiomas revelou que a maioria dos professores reconhece a necessidade de uma abordagem mais inclusiva, mas enfrenta desafios relacionados à falta de treinamento específico e de recursos adequados para abordar essas questões em sala de aula. A análise crítica dos materiais didáticos durante o *workshop* permitiu que os participantes identificassem padrões de exclusão e propusessem adaptações para tornar o conteúdo mais representativo da realidade dos alunos. Além disso, a experiência do *workshop* destacou a importância do uso de diversas mídias, como textos literários, vídeos, músicas e redes sociais, como forma de ampliar as perspectivas culturais e linguísticas no ensino de idiomas. Essas estratégias se mostraram eficazes para estimular o pensamento crítico e permitir que professores e alunos questionassem os discursos veiculados pelos materiais tradicionais.

Entre as questões discutidas, destacaram-se os tópicos sensíveis, geralmente evitados nos livros didáticos, como política, religião, álcool e sexualidade. Quando abordados com sensibilidade e respeito à realidade dos alunos, esses tópicos podem ampliar o espaço para o diálogo e a reflexão em sala de aula. Da mesma forma, as discussões sobre linguagem inclusiva e representações familiares contribuíram para aumentar a conscientização sobre as múltiplas identidades presentes entre os alunos e a necessidade de criar materiais e práticas que as aceitem. As práticas formativas



desenvolvidas durante o *workshop* também ressaltaram a importância da escuta ativa, das atitudes acolhedoras e da abertura ao diálogo como fundamentos de uma pedagogia inclusiva. Ao valorizar as vozes e as trajetórias de vida dos alunos, o ensino de idiomas se torna mais humano, conectado e transformador.

O impacto dessas experiências na formação de professores também merece destaque. Desenvolver a capacidade de questionar os materiais didáticos, adaptar o conteúdo e incorporar novas abordagens pedagógicas é essencial para criar um ensino mais inclusivo. Os professores em formação que se dedicam à análise crítica e à reflexão sobre a diversidade se tornam mais bem preparados para enfrentar desafios pedagógicos e criar um ambiente de aprendizado que valorize diferentes identidades e perspectivas culturais. Além disso, ao experimentar várias estratégias em seu próprio treinamento, esses futuros educadores se tornam mais capazes de adaptar suas práticas a diferentes contextos institucionais, seja em escolas tradicionais, universidades ou cursos de idiomas.

Com base nessas reflexões, é possível afirmar que o ensino de línguas estrangeiras pode – e deve – ser um espaço para o desenvolvimento de uma consciência crítica e socialmente engajada. As práticas pedagógicas discutidas ao longo deste artigo demonstram que é possível integrar a diversidade ao ensino de idiomas sem comprometer a aquisição do idioma-alvo, tornando o processo mais significativo para os alunos. A introdução de textos literários contemporâneos, a análise da mídia digital e o questionamento dos discursos presentes nos materiais didáticos são estratégias eficazes para ampliar as perspectivas dos alunos e incentivar um ensino mais dialógico e reflexivo.

Entretanto, para que essas mudanças ocorram de forma ampla, é necessário um investimento contínuo na formação de professores. As instituições educacionais devem oferecer apoio aos professores para que desenvolvam práticas pedagógicas mais críticas por meio de cursos, *workshops* e grupos de estudo voltados para o ensino inclusivo de idiomas. Além disso, as editoras e os desenvolvedores de materiais devem ser incentivados a produzir recursos que reflitam realidades socioculturais e linguísticas diversas, garantindo que os materiais de sala de aula espelhem a diversidade presente nas sociedades contemporâneas.

Por fim, este estudo reforça que o ensino de idiomas, ao reconhecer a pluralidade de experiências, emoções e formas de expressão, contribui não apenas para a competência linguística dos alunos, mas também para seu desenvolvimento cívico, crítico



e engajado. O ensino verdadeiramente inclusivo é aquele que, em vez de adaptar os indivíduos ao currículo, adapta o currículo à diversidade dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Marceli; FERREIRA, Mergenfel Vaz. Ensino de alemão com foco decolonial: uma discussão sobre propostas didáticas para o projeto Zeitgeist. **Domínios de Linguagem**, v. 17, p.1-33. 2023.

BRAUN, Birgit; DOUBEK, Margit; FÜGERT, Nadia. **DaF kompakt neu A1. Kurs- und Übungsbuch**. Stuttgart: Klett, 2016.

CANDAU, Vera Maria. Educação linguística crítica e práticas pedagógicas. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, p. 1–20, 2020.

FERREIRA, Mergenfel Vaz; AQUINO, Marceli. Pluralidade cultural e crítica de materiais didáticos no ensino de alemão. **Cadernos de Linguística Crítica**, v. 12, n. 2, p. 55–77, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GARCÍA, Ofelia; WEI, Li. **Translanguaging: Language, Bilingualism and Education**. London: Palgrave Macmillan, 2014.

GERLACH, David; LÜCKE, Mareen. **(Kritische) Fremdsprachenlehrkraft werden**. Berlin: Narr Verlag, 2024.

MIGNOLO, Walter D. **Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking**. Princeton: Princeton University Press, 2011.

MONTE MÓR, Walkyria. Crí-tica e letramentos crí-ticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, Cláudia Hilsdor; MACIEL, Ruberval Franco (Orgs.). **Lí-ngua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas**. Campinas: Pontes. 2013, p. 31-50.

PAIVA, V. L. M. O. A formação do professor para uso da tecnologia. In: SILVA, Kleber Aparecido; DANIEL, Fátima de Gênova; KANEKO-MARQUES, Sandra Mari; SALOMÃO, Ana Cristina Biondo (orgs.). **A Formação de Professores de Línguas: Novos Olhares – Volume III**. Campinas: Pontes, p. 209- 230, 2013.

PENNYCOOK, Alastair. **Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2006.

SCHMOHL, Sabrina; SCHENK, Britta; BLEINER, Sandra; WIRTZ, Michaela; GLASER, Jana. **Akademie Deutsch A1+: Band 1. Deutsch als Fremdsprache**. München: Hueber, 2022.



THORNBURY, Scott. Resisting PARSNIP. **Scott Thornbury's Blog**, 2013. Available at: <https://scottthornbury.wordpress.com/2013/07/14/resisting-parsnip>. Accessed: 10 Feb. 2024.

UPHOFF, Dörthe; ARANTES, Poliana Coeli. Mudando os termos da conversa: questões decoloniais na produção de materiais didáticos para o ensino de alemão. **Revista Interdisciplinar Sulear**, v. 15, p. 40-56. 2023.

